

Concepção de Utopia em Bloch e a Crítica Social

Renan Mosege Araújo Lima (IC)* renanaraujo100@hotmail.com

Edmilson Ferreira Marques (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Uruaçu

Resumo: este texto tem como finalidade apresentar o resultado final da pesquisa de iniciação científica sobre a Concepção de Utopia em Bloch e, desta maneira, relacionar este conceito com o de Crítica Social. Para a sistematização deste trabalho tomei como base teórica e metodológica, o Materialismo Histórico Dialético de Marx (2001, 2002, 2003, 2007); por conseguinte, as obras que continuarão a mediar a análise aqui apresentada será de Bloch: *O Princípio Esperança Vol. I* (2005), *Vol. II* (2006) e *Vol. III* (2005-6); e, para realizar um debate sobre crítica, a obra *Quadrinhos e Crítica Social: o universo ficcional de Ferdinando*, do autor Nildo Viana (2013). Utiliza-se também alguns outros autores que debatem sobre os temas, como Coelho (1993); Thomas More (1924) e Suzana Albornoz (1958) e algumas definições em dicionários específicos de Sociologia e Filosofia, os quais apresentam uma definição de forma sistematizada sobre utopia.

Palavras-chave: Utopia Abstrata. Utopia Concreta. Crítica Social. Ernst Bloch.

Introdução

Este texto tem como finalidade apresentar uma leitura sobre a Concepção de Utopia em Ernst Bloch e relacioná-lo com o conceito de crítica social de Nildo Viana. Se trata da conclusão de uma pesquisa de Iniciação Científica onde, a partir do Método Dialético em Marx (2001, 2002, 2003, 2007), foi possível realizar um levantamento bibliográfico de autores que trabalham com o conceito de utopia e de crítica social, porquanto, partindo do ponto de vista do materialismo histórico-dialético.

O texto foi dividido em três parte: na primeira, *Sobre Utopia e a Crítica Social*, estarei apresentando uma leitura de autores que trabalham o conceito de utopia, tais como: More (1994), Coelho (1993) e Albornoz (1958). Em seguida abordarei o conceito de Crítica Social, tendo como referência Viana (2013), na obra *Quadrinhos e Crítica Social*.

Na segunda parte, *Concepção de Utopia em Ernst Bloch*, estarei apresentando a leitura dos três volumes de *O Princípio Esperança* a partir da qual discuto o conceito de utopia em Ernst Bloch.

Na terceira parte, *A Utopia e a Crítica Social em Bloch*, parte fundamental desta pesquisa, é quando apresento a relação do conceito de utopia em Bloch com o de crítica social. Por fim, nas *Considerações Finais*, tem-se uma breve discussão sobre a importância do conceito de utopia e crítica social.

Resultados e Discussão

Sobre a Utopia e a Crítica Social

Para o ter uma noção sobre os conceitos que estão sendo trabalhados nesta pesquisa, se optou por fazer um levantamento de breves definições sobre utopia e crítica social, apresentando primeiro a definição em dicionários e depois para alguns autores. Como já foi mencionado acima, primeiramente estarei abordando o conceito de Utopia e em seguida o de Crítica Social.

Sobre a utopia, Abbagnano (1998) faz uma síntese de definições de seu significado do ponto de vista de Thomas More; Platão; Comte; Marx e Engels e Marcuse; mas, de forma geral, para ele utopia,

[...] representa a correção ou a integração ideal de uma situação política, social ou religiosa existente. Como muitas vezes aconteceu, essa correlação pode ficar no estágio de simples aspiração ou sonho genérico, resolvendo-se numa espécie de evasão da realidade vivida. Mas também pode tornar-se força de transformação da realidade, assumindo corpo e consistência suficientes para transformar-se em autêntica vontade inovadora e encontrar os meios da inovação, (ABBAGNANO, 1998, p. 987)

E complementa referindo-se ao primeiro significado, como uma integração social e/ou política que “[...] está ligada à chamada “teoria crítica da sociedade”, desenvolvida por Horkheimer, Adorno e Marcuse (especialmente este último), que se concentra sobretudo na crítica arrasadora da sociedade contemporânea”, (ABBAGNANO, 1998, p. 987). Nesta última citação, percebe-se que já faz uma certa ligação entre a questão da utopia com a crítica social, parecido com o que Viana (2013) apresenta em seu texto, que será debatido a posteriori.

Boudon e Bourricaud (2001) apresentam, no *Dicionário Crítico de Sociologia*, uma definição, de certo ponto, similar a esta. Sendo assim, ele define utopia como “um gênero literário, uma espécie de ficção política, quanto a tentativa, frequentemente coercitiva e as vezes brutal, de realizar uma forma de organização social em que se presume materializar-se um Ideal considerado absolutamente bom (BOURDON & BOURRICARD, 2001, p. 593)”. Posteriormente, se tem uma

discussão sobre os tipos de utopia que se encontra em alguns autores que trabalham com este conceito, porém, não carece de tanto aprofundamento.

Coelho (1993), por exemplo, apresenta a utopia como,

Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria franqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se *esperança*; [...] Essa força talvez pudesse ser chamada, também, de força do sonho. Mas também seria um nome inadequado: acima de tudo, porque não somos nós que temos um sonho e, sim, o sonho que nos tem [...] Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites frequentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. [...] Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o sonho, sem o qual o sonho é uma droga narcotizante como qualquer outra qualquer e a vida, uma sequência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções (COELHO, 1993, p. 7 -9).

Utopia para esse autor, é vista como uma liberdade, a linha tênue entre o sonho e a realidade, apresentada como uma sequência de banalidades ou mesmo de nada. Para nós, esta não é ainda a definição fundamental para o que seria a utopia. Menos ainda teremos essa clareza/entendimento, se partirmos da concepção de utopia para More (1994). Em sua obra *A Utopia*, é apresentado uma ilha, a ilha da utopia, onde tudo, todo o conjunto desta ilha é a sua explicação para este conceito. Para compreendê-lo precisamos analisar determinados elementos de sua obra. Para este autor,

Os utopianos dividem o intervalo de um dia e de uma noite em vinte e quatro horas iguais. Seis horas são empregadas nos trabalhos materiais. Eis sua distribuição. Três horas de trabalho antes do meio-dia, depois almoçam. Depois do meio-dia, duas horas de repouso, três de trabalho, em seguida jantam. Contam uma hora onde contamos meio-dia, deitam-se às nove e reservam nove horas para o sono (MORE, 1994, p. 72)

Esse pensamento é impossível de se realizar, é algo utópico, fantasia. A ilha da utopia é então, a ilha da imaginação de More. Se percebe que nessa ilha tudo funciona, tudo tem como acontecer, de forma organizada e sem nenhuma objeção; isso é impossível de ser efetivado na realidade concreta da sociedade dividida em classes sociais, por isso toda a obra, tudo o que tem nela, é a sua concepção de utopia; a estrutura da cidade, a economia ou a política trata-se de um projeto, um

plano inalcançável ou inatingível. Pensar a utopia carece de uma análise e muito mais profunda, que é o que será apresentado adiante tendo como referência Ernst Bloch (2005, 2006, 2005-6).

Não se apresenta neste trabalho vários autores que debatem a respeito do conceito de crítica social, o que quer dizer que focaremos somente na obra *Quadrinhos e Crítica Social – o universo ficcional de Ferdinando* de Nildo Viana (2013). Porquanto, na própria obra, Viana apresenta um debate entre alguns autores que estaremos apresentando a seguir.

Existem diversas definições para este conceito, semelhante às várias definições sobre utopia. Segundo o autor,

[...] em Marx se encontra a melhor concepção de crítica e por isso a tomaremos como ponto de partida. Não se trata de buscar reconstituir a gênese deste conceito em Marx, tal como alguns fizeram (Assom Raulet, 1981) e sim apresentar sinteticamente o seu significado. Para Marx, a crítica não é um objetivo em si mesmo, ela é o pressuposto de algo, não é o fim, mas um meio. (VIANA, 2013, p. 82)

Sendo assim, para compreender a finalidade da crítica, precisamos compreender a sua estrutura e seu fundamento (VIANA, 2013). Desta maneira,

[...] a crítica é um projeto de superação das ideologias e ilusões da realidade social que as produz cujo objetivo é expressar a perspectiva do proletariado e contribuir com a transformação social (Marx, 1978). A crítica, então, nasce como um projeto de superação visando a transformação social, cujo objetivo é simultaneamente a realidade social existente e suas manifestações intelectuais ilusórias, expressando a classe revolucionária de nossa época, o proletariado (VIANA, 2013, p. 82)

Por conseguinte, a crítica que utiliza parte da luta revolucionária, a luta concreta do proletariado contra a burguesia, tendo como objetivo final o fim da divisão social de classes e, conseqüentemente, o fim do capitalismo, com o objetivo de instituir uma sociedade autogestionária. Viana ainda apresenta mais adiante no texto algumas definições, tais como o que apresenta a esfera artística e na esfera científica,

[...] a crítica na esfera científica difere da crítica social, que se realiza na esfera artística, e é aí que se torna necessário o termo complementar “social”. A ideia de crítica social remete a uma determinada posição diante da sociedade, seja em sua totalidade ou em algum aspecto dela, através das obras artísticas [...] É nesse aspecto que surgem duas formas de crítica social [...] a crítica social totalizante e embasada num projeto de

transformação social e a crítica social fragmentária, moralista ou pessimista. A primeira é uma crítica social no sentido de crítica que definimos anteriormente, a segunda é num sentido mais genérico, tal como também colocamos acima (VIANA, 2013, p. 83)

Desta maneira pode-se apresentar uma crítica social radical, onde tem como base o marxismo, ou seja, uma teoria que apresenta a crítica à sociedade capitalista, que rompe com ela e vincula a um projeto de transformação social radical cujo agente concreto é o proletariado (VIANA, 2013, p. 83). E, a segunda, temos uma crítica que não se baseia na totalidade da sociedade, portanto, é uma crítica moralista ou fragmentaria (VIANA, 2013, p. 84).

Concepção de Utopia em Ernst Bloch

Nascido em 1885 em Ludwighasfen, junto ao Reno, e falecendo em 1977 em Tübinga – Alemanha, Bloch foi um estudante de filosofia, filologia, música e física em Minique e Würzburg (ALBONAZ, 1985, p. 13). Dentre os vários trabalhos traduzidos do alemão para o português, se destaca os três volumes de *O Princípio Esperança*, obra densa e repleta de informações e reflexões, onde se destaca, principalmente, "o conceito de princípio utópico, no bom sentido, a rigor torna-se aqui ainda mais central, qual seja: o da esperança e de seus conteúdos ligados à dignidade humana" (BLOCH, 2005, p. 17).

Como bem apresentou Bloch, falar de utopia é pensar em esperança, e, este conceito é fundamental para a humanidade. Nesse sentido, podemos, com base em Bloch, afirmar que

A falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas. É por isso que até mesmo a fraude, para ser eficaz, tem de trabalhar com esperança lisonjeira e perversamente estimulada (BLOCH, 2005, p. 15)

E complementa que "o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários, e também todos os cristãos o conhecem a seu modo, com a consciência adormecida ou manifestando comoção, a partir dos trechos bíblicos messiânicos ou do êxodo" (BLOCH, 2005, p. 18). Deste ponto de vista podemos compreender a utopia como a força de luta em busca de algo novo, algo que fará com que o meio atual seja eliminado e substituído por algo melhor, a exemplo do que aponta a luta revolucionária, ou seja, a necessidade de abolição da divisão

social de classes, que consequentemente conceberá uma liberdade social, política e econômica dos trabalhadores e da sociedade em geral.

Na sociedade em que vivemos, no modo de produção capitalista, onde tudo é mediado pelo lucro e, principalmente, prevalece os objetivos burgueses que buscam explorar a classe trabalhadora, se pode pensar que,

A própria vida foi protegida e cercada, bem no alto, por ameias que, no entanto, podiam ser galgadas a qualquer momento para lançar o olhar ao longe. Esta conexão entre o espaço estreito e a bela terra estrangeira não desaparece nem depois disso. O que vale dizer que, desde esse tempo, a terra ideal é uma ilha (BLOCH, 2005, p. 31)

Essa ilha, se lembrando de More (1994), seria o lugar 'perfeito' para onde se apresentará o indivíduo que deseja realizar seus sonhos, onde estará com sua perspectiva de vida relacionada ao lucro; com desprezo, conforme Bloch, entendemos todos esses planos como utópico (BLOCH, 2005, p. 41). Essa vida, onde os sonhos podem ser realizados, de encontro da felicidade, enquanto estiver numa sociedade capitalista, estará associada ao acúmulo de riquezas e mercadorias.

A partir da leitura de Bloch, foi possível perceber dois significados sobre o conceito de utopia,

O ponto central entre sonho e vida, sem o qual o sonho produz apenas utopia abstrata e a vida, por seu turno, apenas trivialidade, apresenta-se na capacidade utópica colocada sobre os próprios pés, a qual está associada ao possível-real [...] Com isso, aqui teria lugar o conceito de *utópico-concreto*, apenas aparentemente paradoxal, ou seja, um antecipatório que não se confunde com o sonhar utópico-abstrato, nem é direcionado pela imaturidade de um socialismo meramente utópico-abstrato (BLOCH, 2005, p. 145)

Desta forma podemos pensar em dois tipos distintos de utopia, ou seja, a utopia concreta e a utopia abstrata, e o autor complementa sobre a distinção dela que,

O que distingue a fantasia da função utópica da mera fantasia quimérica é o fato de apenas a primeira ter a seu favor um ainda-não-ser do tipo que pode ser esperado, isto é, que ainda não gira nem se perde em torno de uma possibilidade vazia, mas antecipa psiquicamente um possível real (BLOCH, 2005, p. 144)

Ou seja, existe uma utopia que está baseada na fantasia, em algo que não acontecerá, como a ilha de More, um lugar onde para existir basta deitar e dormir; um sonho pelo qual não existe a possibilidade de acontecer tratando-se da utopia abstrata. Bloch apresenta que temos dois tipos de sonhos: os diurnos e os noturnos. Segundo Costa (2009),

Bloch destaca uma diferença fundamental entre sonhos diurno e sonhos noturnos: o sonho noturno é a realização secreta de desejos antigos e circula no campo do reprimido e esquecido, já os sonhos diurnos são antecipadores do realmente possível (COSTA, 2009, p. 3).

Identificando isso, se pode compreender que a utopia abstrata é relacionada com o sonho noturno, algo que não tem a possibilidade de acontecer e que fica somente reprimido, algo que não teria forma de existência, semelhante a ilha da utopia. O autor ainda afirma que dentre todos os seres, somente o ser humano consegue velejar em sonhos sem base na realidade concreta, sendo que somente o ser humano, que, embora muito mais desperto, entra em efervescência utópica (BLOCH, 2005, p. 194).

Finalizando a questão do abstrato, ele apresenta que "a vida psíquica sempre está enquadrada simultaneamente pelo noturno e pelo matinal. O sonho noturno se move dentro do esquecido, reprimido, enquanto o sonho diurno se move naquilo que de fato nunca havia sido experimentado como presente (BLOCH, 2005, p. 116).

Pensando o sonho diurno, podemos entendê-lo como um antecipador do que está sendo planejado para vir-a-ser; uma grande possibilidade de vir-a-ser realizada e concebida mediante a uma luta. Bloch sintetiza que,

A utopia é, na sua forma concreta, a vontade testada rumo ao ser do tudo; nela atua, portanto, o *páthos* do ser, que anteriormente esteve voltado para uma ordem do mundo, até uma ordem do supramundo, bem-sucedida, supostamente fundada já de modo bem-acabado (BLOCH, 2005, p. 307)

A utopia concreta está inteiramente relacionada com os valores da felicidade baseada no conforto que,

[...] deslocam-se para as perspectivas do sonho dial revolucionário, já porque a felicidade não decorre mais da infelicidade do outro nem se mede por ela [...] Em lugar da liberdade para comprar, brilha a

liberdade resultante do comprar; no lugar da imaginada alegria de vigarista na guerra econômica, a imaginada vitória na luta de classes proletária. E, ainda acima desta, resplandecem a paz distante, a oportunidade distante de ser solidário com todos os seres humanos, ser amigável com todos, ocasião que constitui o alvo distante da luta (BLOCH, 2005, p. 42)

Somente a utopia concreta, conforme apresenta o autor, tem a possibilidade de romper com o atual modo de produção estabelecido na não-liberdade, na não-felicidade. Se pode perceber que o autor parte de uma base crítica revolucionária, tendo como fio condutor o materialismo histórico dialético de Marx; bem como de que ele usa do socialismo, que conforme observa Albornoz (2015), foi "a luta de emancipação socialista pela afirmação de novos direitos das classes trabalhadoras e a conquista de novas condições humanas de igualdade, dignidade e felicidade (ALBORNOZ, 2015, p. 23).

A Utopia e Crítica Social em Bloch

Compreendido o significado de utopia na concepção de Bloch e sobre a crítica social em Viana, estaremos apresentando qual, e se existe, a relação entre esses dois conceitos. Se a concepção de Bloch pode ser entendida como uma perspectiva crítica assim como previsto pelo Método-dialético de Marx.

Bem se entendeu na parte anterior que existe dois tipos de utopia: a utopia abstrata e a utopia concreta, onde a primeira está relacionada a um sonho reprimido que não tende a ser realizado, e a segunda com o planejamento de algo que virá-a-ser, porquanto, terá que ter como fundamento uma teoria socialista, pois se levará a algo melhor que se busca de forma revolucionária.

Viana (2013) apresenta que,

A crítica, então, nasce como um projeto de superação visando a transformação social, cujo objeto é simultaneamente a realidade social existente e suas manifestações intelectuais ilusórias, expressando a classe revolucionária de nossa época, o proletariado (VIANA, 2013, p. 82)

Fica entendido que o conceito de crítica social aponta para o rompimento com o abstrato da realidade social, conforme Bloch insinua ao falar sobre a utopia concreta, pensando em uma forma de organização social que rompe com a divisão de classes. Contudo, não pode ser qualquer crítica, deve ser algo fundamentada radicalmente em uma perspectiva revolucionária. Desta forma, Viana deixa claro que

[...] a crítica social inspirada no marxismo, ou seja, numa teoria da sociedade capitalista e vinculada a um projeto de transformação social radical cujo agente concreto é o proletariado [...] essa crítica também pode ser realizada a partir de uma concepção anarquista, quando embasada numa concepção de lutas de classes, ou seja, não individualista (VIANA, 2013, p. 83).

Com isso em mente, o método-dialético como referência e a luta revolucionária como ação, ficou claro quem é o agente concreto da transformação social que Bloch apresenta em sua obra:

[...] todas as turvações e todos os desvios ocorridos pelo caminho só podem ser realmente criticados e até removidos de dentro do marxismo; pois é ele o único herdeiro daquilo que, na antiga burguesia revolucionária, era intencionado em termos de humanidade. E através do conhecimento de que a sociedade de classes, em grau extremo a capitalista, provoca todo tipo de auto-alienação, ele foi o único que avançou até sua raiz eliminável (BLOCH, 2005-6, p. 444).

Pensar no marxismo como um fio condutor para a crítica, estamos vendo a realidade social concreta, sem nenhuma intervenção abstrata ou fictícia que a possa deturpar, e dessa maneira fazer a crítica dos valores, das crenças, da divisão de classe. A partir dessa referência é que se pode compreender que a classe trabalhadora poderá romper com os grilhões que a prende emancipando consequentemente a humanidade.

Considerações Finais

Para concluir este trabalho, sintetiza-se a importância do debate sobre o conceito de utopia e a crítica social; destaca-se também a importância da leitura tanto de Bloch (2005, 2006, 2005-6) e Viana (2013) para quem deseja compreender ambos os conceitos, ou mesmo ter uma base significativa para pesquisas mais profundas.

Lembrando primeiramente do método que dá a base para essa pesquisa, que é o materialismo-dialético de Marx, ele tem em sua própria essência considerar a realidade concreta como pressuposto da análise, e nisso já faz uma alusão à utopia concreta, de pensar a realidade a partir da própria realidade e, não ter em si uma referência abstrata.

Por seguinte, tanto Viana quando Bloch são autores que utilizam este método como referência em seus trabalhos, que escrevem a partir de uma base que rompe

com todas as amarras do capitalismo. É somente a partir disto que se consegue realizar uma posição crítica social e radical. Ambos autores têm como utopia concreta o fim do modo de produção capitalista e o surgimento de uma forma de organização social onde as pessoas, os trabalhadores, enfim todos os seres humanos, possam desfrutar de uma total liberdade social, econômica e política. E isso é totalmente distinto da falsa liberdade que dizem existir na sociedade.

Por fim, destaca-se esse tipo de trabalho, essas pesquisas, é um importante passo em relação à divulgação, sistematização e crítica da realidade social. São pequenos fragmentos como esse que oportuniza outras pessoas a terem acesso à uma leitura crítica e concreta da sociedade.

Agradecimentos

Sobre a realização desta pesquisa, agradeço ao Prof. Dr. Edmilson Marques por possibilitar novamente a oportunidade de estar pesquisando sobre uma temática importante para a minha formação pessoal e, conseqüentemente, para contribuir com leituras futuras para minha monografia e ensinando os passos de uma pesquisa.

O mais, agradeço também à Universidade Estadual de Goiás pela bolsa que, além de contribuir com o currículo pessoal, também permite aos estudantes ter acesso a obras fundamentais para a reflexão dentro do curso.

Referências

- ALBORNOZ, Suzana. **Ética e Utopia: ensaio sobre Ernst Bloch**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985.
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança Vol. I**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005
- _____. **O Princípio Esperança Vol. II**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006
- _____. **O Princípio Esperança Vol. III**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005-6
- COELHO, Teixeira. **O que é Utopia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- VIANA, Nildo. **Quadrinhos e Crítica Social: o universo ficcional de Ferdinando**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- MARX, Karl. Carta a Annenkov In: MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. Prefácio 1ª e 2ª edição de O Capital In: MARX, Karl. **O Capital, volume I**. São Paulo: Nova Cultura, 1998.

_____. **A Ideologia Alemã, 1º Capítulo: Seguido da Teses Sobre Feuerbach.**

São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, Karl e Engels, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MORE, Thomas. **A Utopia.** Bauru, SP: EDIPRO, 1994.